

O “reinado de Momo” na Cidade das Laranjas: carnaval em Nova Iguaçu no auge da citricultura (1918/32)

The “reign of Momo” in the City of Oranges: Carnival in Nova Iguaçu at the height of the citrus industry (1918/32)

Maria Ester de Carvalho S. Dória

Como citar esse artigo. Dória, MEC. O “reinado de Momo” na Cidade das Laranjas: carnaval em Nova Iguaçu no auge da citricultura (1918/32). Revista Mosaico. 2018 Jul./Dez.; 09 (2): SUPLEMENTOS 32-40.

Resumo

Este trabalho consiste num breve panorama sobre os festejos de carnaval na “Nova Iguaçu”, distrito-sede do município de Iguaçu, entre os anos 1918-1932, quando a citricultura estava prestes a atingir o auge da produção, os produtores eram a “nova elite rural” do município e exerciam seu poder nos mais diversos setores da sociedade iguaçuana. Visando contribuir para a historiografia da Baixada Fluminense e no processo de resgate da memória local, nossa proposta é apresentar o carnaval iguaçuano não só como um instrumento de afirmação do poder dessa elite, que de forma específica reforçava uma distinção social naquele meio, mas também enquanto um evento que, por sua magnitude pode também ser considerado como manifestação cultural de Nova Iguaçu.

Palavras-Chave: Carnaval; Baixada Fluminense, Nova Iguaçu; Citricultura.

Abstract

This paper consists of a brief overview of the carnival festivities in “Nova Iguaçu”, district of Iguaçu, between the 1918-1932 years, when citriculture was about to reach its peak of production, producers were the “new rural elite” of the municipality and exercised their power in the most diverse sectors of local society. Aiming to contribute to the historiography of the Baixada Fluminense and in the process of rescue of the local memory, our proposal is to present the Iguaçu carnival not only as an instrument of affirmation of the power of this elite, that specifically, reinforced a social distinction in that environment, but also as an event that, by its magnitude can also be considered as a cultural manifestation of Nova Iguaçu.

Keywords: Carnival; Baixada Fluminense Region, Nova Iguaçu; Citrus Industry.

O Carnaval vem vindo, no passo da lezeira...
E não tardará que as trombetas de Momo, o galhafeiro ecoem pela cidade espalhando a alegria.
E a música dos guizos? E o ruflar dos tambores? E a vibração dos pandeiros?
... O Carnaval!...
Com ele, tres dias de completo esquecimento às agruras da existencia – dessa existência inglória e tão vã!
Com elle, a alegria de viver, de sorrir, de brincar, de divertir!
... Dentro a alma da gente canta em delírio!
E esse canto é a demonstração sincera do nosso espontâneo regosijo...
(A CRÍTICA: Ano I, nº 34, 03 de Fevereiro de 1929, p. 2).

Introdução

Como o texto acima nos diz, o carnaval é um período no qual é costume esforçar-se no exercício de fazer a vida parecer mais amena e os problemas menos graves. Três dias de festa, onde o rico pisa na lama e o

pobre é rei; onde o lixo pode virar luxo e a rua é o salão mais nobre. Mas até que ponto isso é verdade?

A cidade de Nova Iguaçu passava, na primeira metade do século XX – assim como todo o Brasil – por um processo de transformações cruciais nos campos político, econômico e social. Enquanto a República estava prestes a experimentar um tremor político com o Estado da Guanabara em seu epicentro, um novo grupo econômico, os citricultores, buscava afirmar-se como elite local através de um projeto político (capitalista e ruralista) que visava uma nova cidade.

Este artigo pretende, a partir desse contexto, observar o carnaval como um fenômeno social que, ao ser assimilado como uma “vitrine de poder” pela nova elite local, assume uma conotação mais politizada e hierarquizada. Considerando o período entre os anos de 1918 e 1932, este texto está dividido em cinco momentos:

Afiliação dos autores: Graduanda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil.

Email para correspondência: estercarvalho1994@gmail.com

Recebido em: 01/08/18 Aceito em: 22/11/18

no primeiro, explicamos brevemente o contexto no qual se insere nossa observação do carnaval de Nova Iguaçu; no segundo, mostramos como os festejos de carnaval aparecem nas fontes da imprensa local até 1922; num terceiro momento, identificamos a primeira mudança no modo de festejar, que perdura até 1929; o quarto momento é onde confrontamos as informações sobre o carnaval e sobre a política local, observando que, a partir de 1930, ocorre uma nova mudança na folia; no quinto e último momento, explanamos nossas conclusões a respeito das análises feitas ao longo da pesquisa.

Utilizamos como fontes os principais periódicos locais da época, o jornal *Correio da Lavoura* e a revista *A Crítica*; além, é claro, de estabelecer uma relação teórico-metodológica com os trabalhos que hoje são referências nos campos da História da Baixada Fluminense e na História do carnaval do Rio de Janeiro

A ‘nova’ Iguassú¹

Considerando o contexto político e econômico em que Nova Iguaçu se encontrava nas décadas de 1920-40, no qual o poder público e a elite citricultora impulsionavam um processo de expressiva transformação, nos mais amplos sentidos do termo, é possível enxergar o carnaval como uma das formas de materialização/concretização do “projeto ruralista” – ao qual se refere Amália Dias (2012). Segundo a autora, o ruralismo iguaçuano reflete-se nas práticas de caráter progressista, sobretudo através do incentivo aos investimentos na educação, no saneamento e na lavoura. Nesse sentido, antes mesmo que a citricultura atingisse seu apogeu e que os citricultores se consolidassem enquanto grupo dominante, o projeto ruralista já se desenvolvia, por exemplo, através da mudança de nome do distrito-sede: de Maxambomba para Nova Iguassú.

Em Nova Iguaçu, a mudança do núcleo foi acompanhada, posteriormente, de uma sutil troca de nome. O adjetivo: “nova”, foi uma forma de indicar a mudança sem, contudo, renegar completamente o passado. No entanto essa sutileza demonstrou o desejo da nova elite ligada a nascente cultura da laranja de se reafirmar como diferente da velha elite ligada a decadente ordem escravista. Neste caso saem os barões e entram os comendadores. (SIMÕES, 2006, p. 106)

Visando a criação de um estilo de vida próprio e a manutenção do status quo da “nova elite rural” iguaçuana, os festejos de Fevereiro se transformavam numa oportunidade de demonstrar o progresso e a modernidade da nova Iguassú, bem como o sucesso e o esplendor da citricultura local.

A partir do levantamento de notícias, artigos e notas sobre as comemorações do carnaval, período entre Janeiro e Março em torno dos anos de 1920 a 1940 nos periódicos *Correio da Lavoura* e *A Crítica*, é possível observar a relevância social desse evento no município – e não só na sede, mas também nos demais distritos –

e a magnitude que isso alcançava. Entretanto, antes de tratarmos do carnaval iguaçuano de forma mais direta, precisamos recuar um pouco no tempo para entender de que forma o *Correio da Lavoura* começa a noticiar esses festejos.

O “reinado de Momo” no *Correio da Lavoura*

O *Correio da Lavoura* é um semanário fundado pelo jornalista Silvino de Azeredo em Março de 1917, autoproclamado como um “órgão independente” cujo programa progressista de objetivos consistia “na defesa da lavoura, da higiene e da instrução. (...) Por este programa acreditava-se defender os interesses do povo do município e contribuir para a grandeza da pátria e da terra fluminense” (DIAS, 2012, p. 25). É possível afirmar que a própria fundação do jornal *Correio da Lavoura* – e, posteriormente, também da revista *A Crítica*, um apêndice do mesmo – se coloca como uma forma de afirmação desse projeto modernista republicano.

Iguassú visava projetar-se economicamente e socialmente em nível nacional como um município identificado com o novo Brasil que se construía na virada do século. Esta intenção estava inserida num plano estadual de recuperação financeira pautado na tradição agrarista da região – uma vez que, como aponta Amália Dias, excluindo-se o Distrito Federal, o Estado do Rio era essencialmente rural. Em 1915, “a citricultura já firmava como novo elemento na economia municipal” de Iguaçu (Pereira, 1997 apud DIAS, 2012).

As primeiras aparições do carnaval iguaçuano no *Correio da Lavoura* datam de Janeiro de 1918. Nesse período, o distrito-sede Nova Iguassú apresentava um incipiente processo de urbanização através do qual surge um modo de vida igualmente urbanizado, processo que teria seu auge na gestão do prefeito Sebastião de Arruda Negreiros (1930-36) e que, segundo Silva (2017), representava os interesses de um grupo social específico dentro do poder executivo municipal.

A partir da década de 1910, o município começaria a se sobressair com a pomicultura e o distrito-sede seria o palco onde os grupos dominantes locais poderiam apresentar o que a citricultura representava para o município e para o governo fluminense, já que a recuperação econômica desejada pelo Estado no Pós 30 era protagonizada, no estado do Rio de Janeiro, por Iguassú, à medida que a laranja era item de grande arrecadação estadual e sua produção era vista como fruto da modernização dos modos de cultivo e beneficiamento do produto, o que potencializava novas condições de vida e o almejado progresso, devendo ser materializado em escolas, saneamento, abastecimento de água, iluminação pública e postos de saúde (SILVA, 2017, p. 216).

Ainda antes de 1930 e das transformações de Arruda Negreiros, o carnaval já ocupava os principais espaços urbanos de convivência em Nova Iguassú. As principais praças de guerra da cidade para as

brincadeiras eram, a princípio, a Rua Marechal Floriano Peixoto e a Praça Ministro Seabra. É provável que a proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, ligação apontada por Silva (2017) como existente antes mesmo da emancipação político-administrativa em 1833/36, fizesse com que a Baixada Fluminense se espelhasse nos costumes e práticas do Distrito Federal.

Os primeiros escritos do Correio da Lavoura descrevem um carnaval que também almejava modernizar-se. Essa tendência progressista já vigorava no carnaval carioca desde meados do século XIX, quando o entrudo e seus limões-de-cheiro foram considerados “selvageria” pela imprensa local e gradualmente substituído pela folia num formato mais veneziano com desfiles de grandes Sociedades – o tipo de festejo que seria mais condizente com o novo formato de sociedade que se pretendia para a cidade do Rio de Janeiro. Segundo Cunha (2001), esse debate já mobilizava as elites letradas do Rio antes mesmo da República.

Se o debate se iniciou já na década de 1850, com a fundação da primeira das Grandes Sociedades carnavalescas [chamada de Congresso das Sumidades Carnavalescas, 1855], na década de 1880 ele se tornou agudo e inflamado. Não se tratava apenas, para cronistas, literatos e foliões empenhados em instituir o “verdadeiro” Carnaval (aquele dos préstitos à moda “veneziana” ou dos bal masqués elegantes), de exterminar limões-de-cheiro e bisnagas. Queriam levar junto para o passado as troças, os mascarados que se compraziam em atormentar os passantes e a vizinhança, os desfiles de negros que cantavam em estranhas línguas africanas – todo um rol de práticas que julgavam indignas de freqüentar as ruas, mesmo em dias em que a alegria e permissividade pareciam andar juntas (CUNHA, 2001, p. 25).

Não é possível, por hora, saber se Iguassú teve um “tempo do entrudo”. As únicas certezas que o Correio da Lavoura nos afirma em suas notas carnavalescas são: a (estranha) passividade com que correu o carnaval na cidade, e que (em vários episódios) choveu. Datam de 1918 as primeiras notas sobre o carnaval iguassuano no periódico, e analisando esses primeiros escritos, é interessante perceber que, num primeiro momento, o evento parece ser organizado e patrocinado por membros da elite local e suas famílias – sobretudo, comerciantes –, em detrimento do pouco investimento por parte do poder público municipal. Parece que, nesse momento, as festas estavam mais concentradas nas ruas, seguindo os moldes de um baile a céu aberto, com bandas musicais se apresentando em coretos enquanto cordões e blocos carnavalescos desfilavam para “o povo” que, por sua vez, divertia-se com as batalhas de confete e lança-perfumes.

CARNAVAL

Os folguedos carnavalescos estiveram animadíssimos nesta cidade.

A banda do C.M. Nilo Peçanha, dividida em duas secções, se fez ouvir de sábado a terça-feira, em dois artísticos coretos na Praça Ministro Seabra, em frente ao estabelecimento commercial do sr. Padue Issie Nohra.

Recebemos a visita de diversos cordões e blocos, destacando-se o da família Barnabé M. Lopes de Andrade Araújo vieram até esta cidade três bens organizados cordões – União das Violetas, Chuveiro de Prata e ‘Caprichosos’ – que foram muito applaudidos pelo povo.

Um bloco composto de gentis senhoritas da nossa elite, chefiadas por Filloca Kelly, visitou a nossa redação.

O policiamento esteve irrepreensível, nada se registrou de anormal.

Ainda bem.

- A administração da E. F. Central do Brasil fez correr dois trens especiaes, um partindo desta estação ante-ontem as 19:40 e outro partindo da Central a 1 hora de hontem, ficando ambos repletos de passageiros

(Correio da Lavoura: Ano I: N° 48, 14 de fevereiro de 1918, p. 2)

Apesar da ênfase que o Correio da Lavoura dá à participação direta dos capitalistas locais (sobretudo, comerciantes) no fomento dos festejos, o papel que a prefeitura desempenhava nesse quesito é, a princípio, incerto. Com o policiamento e o transporte via trens para a cidade sendo de competência do Estado e não da municipalidade – o que nos leva a pensar, a partir da leitura da notícia citada, nas relações de influência e numa possível troca de favores entre a política de Iguassú e o Governo do Estado – é possível que a administração local tenha contribuído diretamente ao menos para a construção dos coretos. Esses coretos eram estruturas artísticas temporárias, uma espécie de palanque, que eram erguidas nas ruas ou nas praças. Não há certeza se o patrocínio da prefeitura para o erguimento de coretos tenha ocorrido desde o início, mas é certo que no ano de 1930 a prefeitura é citada como uma das contribuintes para a realização da alegoria .

O Correio da Lavoura também veiculou solicitações à prefeitura de Iguassú em prol do carnaval. No ano de 1920, por exemplo, o jornal fez um apelo direto ao então prefeito Mário Pinotti (1919/22) para que aumentasse “as lâmpadas electricas para maior illuminação no trecho compreendido entre a Avenida Nilo Peçanha e o coreto” (CORREIO DA LAVOURA, 1920, p. 2). Porém, o evento ainda não estava à altura da “nova” Iguassú que se construía na época.

No ano seguinte, depois de passados os dias de carnaval, o periódico lamentou a forma apática como ocorrera a festa e denunciou a falta de mobilização dos comerciantes locais – com exceção de Padui Issie Nohra, que teria se recusado a tomar frente da preparação dos festejos daquela vez – e de iniciativa ou qualquer outra forma de participação da prefeitura de Iguassú.

Apezar da idéia de se fazer um carnaval condigno com o nosso progresso e lhe faltando o apoio que era de esperar, a nossa cidade, nos dias de reinado da phantasia, apresentou-se repleta de um povo numeroso e digno, pelas suas expansões canavalescas, com a magestade própria das festas que se realizavam. É inacreditável que em uma cidade como Nova Iguassú, só exista um homem capaz de concorrer, iniciando e assumindo a responsabilidade dos gastos,

para o Carnaval de que é digno o povo iguassuano. Este homem, o Sr. Padui Issie Nohra, que não mede sacrifícios quando se propõe a fazer o Carnaval, isentou-se este anno da incumbência, crente de que aos outros collegas também cabia a tarefa que, em toda localidade, é de iniciativa do commercio. Mas, os outros quedaram-se e a musica não se fez ouvir!... É vergonhoso dizel-o, mas a verdade é que Nova Iguassú, durante o carnaval de 1921, não teve um só coreto onde se fizesse ouvir uma banda musical, alma da folia!... Duas sociedades carnavalescas nos visitaram “Só para viver” e “Beija-flor”, ambas de Mesquita; bem organizadas e que emprestaram ânimos á nossa cidade, principalmente a ultima, que aqui esteve no 1º e 2º dias. Boa orchestra, afinado coro, a sociedade é dirigida pela competência e boa vontade do Sr. Aprígio Pagniez, respeitável carnavalesco. A nota predominante, deu-a o bloco formado pela distincta familia Barnabé Moreira Lopes. Bloco numeroso, ostentando bellas fantasias, bem ensaiado em seus harmoniosos versos, bem mereceu os applausos do nosso povo, por ter concorrido para que não passássemos sem uma nota chic. (CL: Ano IV: Nº 204, 10 de fevereiro de 1921, p. 2).

Ranchos e blocos: um novo modelo de folia

Até o ano de 1921 os “festejos de Momo” em Nova Iguassú permaneceram de forma muito parecida com o que já falamos anteriormente: um baile a céu aberto com o expressivo patrocínio do comercio local. Entretanto, no carnaval de 1922, uma sociedade carnavalesca aparece: o “Clube dos Progressistas de Nova Iguassú”. Ainda não temos muitas informações sobre esse grupo, mas certamente sua aparição nas ruas da cidade mudou o estilo dos préstitos iguassuanos. Uma sociedade é diferente de um bloco porque se apresenta de forma “mais organizada” e traz em suas apresentações elementos cenográficos (alegorias) que seguem um tema. Dessa forma, ainda que já houvesse blocos desfilando pelas ruas de Nova Iguassú, o Clube dos Progressistas inaugura na cidade o modelo de associação carnavalesca que é liderado por um grupo restrito de brincantes.

Em meados da década de 1920 surgem os ranchos carnavalescos locais, sendo os principais (e talvez os únicos) o “Pega e Deixa” e o “Contigo eu Posso”. Esses ranchos eram patrocinados e liderados por membros da elite citricultora, e não eram coisa à toa. Famílias completas e “os mais finos elementos” da sociedade iguassuana estavam envolvidos nos desfiles de tais ranchos. Esses desfiles, por sua vez, eram minuciosamente preparados pelos ranchos e ansiosamente aguardados pela população. Se na cidade do Rio nasceram as primeiras escolas de samba, em Nova Iguassú, com igual empolgação, surgiram os ranchos carnavalescos. Porém, antes de explorarmos mais essa comparação e estabelecermos as devidas diferenças entre um fenômeno e outro, busquemos conhecer um pouco mais sobre os ranchos iguassuanos.

Os ranchos iguassuanos eram grupos carnavalescos bem organizados. Logo nos primeiros dias do ano que se iniciava realizavam-se eleições para

a diretoria anual. Não sabemos quem eram os eleitores aptos a votar e quais eram os critérios, se é que havia algum, para ser um votante, mas sabemos quem eram os eleitos: uma verdadeira dança das cadeiras entre citricultores, jornalistas e comerciantes locais.

C A R N A V A L
Os festejos de Momo nesta cidade, promettem ser os mais brilhantes, dado o entusiasmo que já empolga o nosso público e pelos preparativos das duas importantes sociedades que possuímos. Ainda na quarta-feira passada o Pega e Deixa elegeu sua directoria para 1929, que ficou assim constituída: Presidente Bernardino Grimaldi; vice-presidente Carmine Montoura, 1º secretario Paulino Barbosa, 2º dito Silvino de Azeredo Filho, 1º thesoureiro Francisco Baroni, 1º procurador Angelo de Gregório, 2º dito Ernesto Moreira. (A CRÍTICA: Ano I, nº 30, 06 de Janeiro de 1929, p. 2).

Segundo Iracema Baroni de Carvalho, filha de Francisco Baroni, um dos principais nomes da citricultura iguassuana, o Pega e Deixa era sustentado pelos membros da colônia italiana radicada em Iguassú. Essa colônia, chamada pelo pesquisador Meneses (2004) de “Pequena Calábria” – devido à maioria dos imigrantes ser original da região de Calábria, no sul da Itália –, teria se constituído em Iguassú a partir dos anos de 1880 e é a origem de alguns nomes que são conhecidos até hoje em Nova Iguaçu, como Ciambarella, posteriormente Chambarelli, Licurcci, Di Gregório, Coccozza, Rinaldi e o próprio Baroni. Em seu livro de memórias e poesias, Iracema Baroni (1987) confirma os escritos de A Crítica e Correio da Lavoura ao dizer sobre a alta afinidade do público geral com os ranchos e da rivalidade acirrada existente entre um e outro – embora ela diga que tal rivalidade “era apenas aparente” e que “tudo corria num clima de fidalga camaradagem” (CARVALHO, 1987, p. 41).

Sobre a preparação dos ranchos para o carnaval, tanto Iracema Baroni quanto os periódicos da época falam de um agitado processo que mobilizava os integrantes dos grupos e empolgava o público. Com o nascimento da revista A Crítica em 1928, suas páginas – que se ocupavam de um texto mais informal, com conteúdo mais leve e voltado para assuntos domésticos – traziam uma forte propaganda dos ranchos e aumentavam a expectativa para a chegada do carnaval e a saída dos préstitos. Narrando o carnaval de 1929, Iracema diz que:

Meses antes do carnaval os dois ranchos alugavam ou construíam barracões onde arquitetavam seus carros. E era tanto cuidado para não deixar transparecer o que faziam, que calafetavam a frestas das paredes e colocavam guardas permanentes do redutos secretos, afim de evitar os “espiões” pudessem descobrir seus projetos. (CARVALHO, 1987, p. 41).

Enquanto isso, A Crítica enviava seus colonistas para buscar informações nesses “barracões” e aguçar a curiosidade e a animação dos leitores, ressaltando que: “não é só o Zé povinho que se interessa pela ‘performance’ dos nossos Ranchos; até pessoas graves, á vimos de ‘pontinhas

dos pés' a admirar os ensaios. Barbichas respeitáveis, cavaignacs de responsabilidade, calvas á Telles, enfim, todos aqueles que o Deus do Carnaval, com sua irresistibilidade foliona, consegue transformar em verdadeiros fantoches" (A CRÍTICA, ano I, Nº 32, 20 de Janeiro de 1929, p. 1).

Mas é em meio às fofocas carnavalescas da Crítica que encontramos outro grupo de foliões entre os dois grandes ranchos: o "Bloco dos Sujos". Sob o pseudônimo de Philarmonica, o colunista da revista nos conta o episódio em que fora bisbilhotar os preparativos de cada desfile. Tendo sido afugentado dos barracões de Pega e Deixa, por "um tal senhor Baroni", e do Contigo Eu Posso, por "um homem armado de um bengalão d'este tamanho, conhecido por coronel", Philarmonica foi recebido no barracão do Bloco dos Sujos que, segundo sua descrição, possuía uma estrutura de préstito que se equiparava a dos ilustres ranchos, com carros alegóricos e fantasias ligadas ao tema do desfile ou do próprio bloco.

O jornalista também nos dá a localização do tal barracão e alguns nomes que compunham o bloco naquele ano:

Recebidos gentilmente pelo seu presidente perpetuo, compadre Estacio, fomos introduzidos nos espaçosos barracões do destemido bloco, situados no capinzal do Moura Sá. (...) As phantasias são riquíssimas e confeccionadas com todo o esmero, com ornaes velhos, latas furadas, folhas de bananeiras, barbas de velhos e arame farpado, tudo feito na ferraria do Lavinias. As principais personagens estão assim distribuídas: Estácio, de Mata Borrão; Saul, de Chupeta; Christolino, Muchacha; Nico de Ferro de Engomar; Silva Alfaiate, de Baloeiro Chimico; Torres, de Promoção Enguiçada; Belmiro de Jacaré; Damião, de Purgante; Fisguete, de Bode Roubado; João Lima, de Esponja; Arnô, de Casa Mathias; Gayão de Mamadeira, Juvenal de Auto Omnibus, Chambarelli de Trem Descarrilado, e muitos outros. (A CRÍTICA: Ano I, nº 35, 10 de Fevereiro de 1929, p. 3).

Infelizmente, ainda há poucos dados sobre o Bloco dos Sujos e as informações que o texto acima nos oferece são pouco precisas. Mas, ainda que não voltemos a ver relatos sobre os sujios, eles já nos ajudaram a pensar que os ranchos – mesmo com toda a sua grandiosidade e riqueza – não estariam sozinhos na folia iguassuana. Cabe ressaltar ainda, que mesmo que a presença das ricas sociedades carnavalescas tomasse para si o protagonismo da festa nos escritos da época, o carnaval de Nova Iguassú ainda contava com as batalhas de confete, as bandas musicais, os coretos, os blocos locais, menores que as sociedades, e com a visita de outros grupos carnavalescos de distritos vizinhos. A questão aqui é justamente esse protagonismo que os ranchos assumiram na festa até 1929, o ano dos últimos desfiles dos ranchos.

O carnaval dos ranchos parece nascer e morrer ligado à citricultura de Iguassú. Foi um fenômeno cultural de proporções estelares: um brilho intenso que, apesar de durar pouco, deixou uma luz ecoando pelo tempo na

memória dos iguassuanos. Ao descrever o último desfile do Pega e Deixa, o rancho dos citricultores, e talvez por isso encontramos mais informações sobre ele, Iracema Baroni (1987) descreve a grandiosidade dos carros e o luxo das fantasias. Ela transcreve o programa do desfile de 1929, que informa os nomes dos componentes da diretoria e da comissão carnavalesca. Ela reconhece "estes homens de real valor" como os representantes do "progresso" e da "tradição da terra dos laranjais" (CARVALHO, p. 42). E, mais uma vez, choveu naquele carnaval.

C A R N A V A L

Infelizmente o aguaceiro que desabou nesta cidade durante o tríduo de Momo, veio prejudicar em muito as festas com que este anno celebraríamos o reinado da Folia. Ainda assim a concurrencia de foliões em nossas rua foi bastante numerosa. A Praça Ministro Seabra foi ornamentada a capricho e ali se fez erguer um lindo coreto onde tocou a banda desta cidade. Além do Bloco dos Sujos, cujo sucesso humorístico não foi inferior ao alcançado no anno passado, o Rancho Comtigo Eu Posso apresentou-se em publico na terça-feira, recebendo dos seus numerosos admiradores muitos applausos pela galhardia com que se houve os componentes do coro como pela parte allegorica composta de 6 carros, tudo represntando o belo enredo Nero. O Pega e Deixa que foi impedido de sahir devido ao mau tempo, caso não se opponha o dr. Chefê de Policia do Estado, sahirá hoje, á noite. (A CRÍTICA: Ano I, nº 36, 19 de Fevereiro de 1929, p. 2).

E então, com a permissão do Chefe de Polícia do Estado, o Pega e Deixa saiu às ruas na Quaresma, depois do carnaval:

Os carros que o Pega e Deixa apresentou no carnaval de 1929, onde se sobressaía o "Palácio de Cristal", custaram nada menos de 200 (duzentos) contos de réis. E era verdadeira obra de capricho ornamental. Como um prenúncio do fim, na primeira noite de folia, desabou um tremendo temporal sobre a nossa cidade. Destruindo o coreto – coincidência em forma de barca imensa. Armado na praça principal pela Prefeitura. O "Pega e Deixa" temendo a mesma sorte de seu adversário, que assistiu a destruição de seus carros sob a inclemência do temporal, e não querendo perder o brilhantismo de seu cortejo, só veio às ruas na quaresma. A chuva havia passado, e o povo delirou como nunca, apinhado nas calçadas. Havia gente até em cima das árvores para ver o Rancho desfilas. O famoso "Pega e Deixa" fechava com "chave de ouro" o seu último carnaval, tão puro e cristalino quanto as flores raras dos jardins do palácio inigualável! (CARVALHO, 1987, p.42-43).

1930: uma nova transformação no carnaval de Nova Iguaçu

Depois de 1929, o que vemos no Correio da Lavoura e na Crítica é que, apesar do saudosismo implícito em relação ao tempo dos ranchos, o carnaval em Nova Iguassú não se deixou abater e aos poucos foi se rearranjando. A festa nas ruas parece ganhar uma atenção maior do poder público e retorna aos moldes de baile a céu aberto, com as "jovens moças e rapazes" da sociedade iguassuana na organização juntando esforços aos comerciantes da cidade. No entanto, o que chama

mais a nossa atenção é o surgimento de um novo tipo de festejo naquela sociedade: os bailes de salão. É somente a partir de 1930 que vemos serem anunciados bailes carnavalescos nos salões da cidade – principalmente na sede do Sport Club Iguassú. Esses bailes eram bem restritos e isso já ficava claro logo na divulgação do evento:

SPORT CLUBE IGUASSÚ:

Communica-nos da Secretaria do Sport Clube Iguassú: ‘realizar-se-á na noite de 22 do corrente, no salão nobre do edificio da sede social, um animado baile á phantasia, parao qual não haverá convites á pessoas extranhas ao quadro social. Os sócios terão ingresso mediante a apresentação do recibo de quitação do 1º trimestre do corrente anno. Outrosim, previno aos interessados, de ordem da Directoria, que não serão permittidas, por occasião do baile, phantasias menos descentes e impróprias de serem apreciadas por famílias.

Nova Iguassú, 13-2-930

J.B. Chagas

1º Secretário

(Correio da Lavoura: Ano XIII, nº 675, 20 de fevereiro de 1930, p. 3).

O aparecimento desses bailes (enquanto atividade de lazer de um grupo específico) e a forma como eles aconteciam reforçam nossa hipótese de que o carnaval em Nova Iguassú não dissolvia, mas sim reforçava a hierarquia social já existente. Quando a Crítica (1929) diz que não só “o Zépovinho” se interessava pelos ranchos, quando Iracema Baroni (1987) narra o povo “apinhado nas calçadas” e “até em cima das árvores, para ver o Racho desfilar”, ou quando o Sport Club Iguassú (1930, refere-se a notícia anterior) diz que “não haverá convites á pessoas extranhas ao quadro social” para o baile em seu salão, somos levados a refletir que, na terra das laranjas, o reinado de Momo, que é famoso por gerar a inversão dos papéis sociais, era marcado pela premissa de que todos poderiam se divertir, mas que cada um permanecesse no seu devido lugar; uns no topo do “carro da Vitória” ou no “Palácio de Cristal”, outros “apinhados nas calçadas”.

Mesmo com o caráter unificador que a rua traz para o carnaval – que é justamente o oposto do que fazem os bailes de salão – o que os ranchos realizavam não era meramente uma folia, mas sim um desfile de demonstração de poder. A elite citricultora já era muito rica desde a década de 1920, mas somente a partir de 1930 consolida sua influência na política municipal, como vimos, com a ascensão de Arruda Negreiros à prefeitura. Com isso, já não era necessário demonstrar poder nas ruas.

No período pós-1930 a elite citricultora iguassuana aproveitou-se do movimento outubrista liderado por Vargas para de fato consolidar seus interesses através da ação direta na política municipal. Nesse sentido, o projeto ruralista de modernização ganha maior força à medida que seus principais defensores ampliam seu poder político. A gestão de Arruda Negreiros na

prefeitura ficou marcada pela defesa desse projeto, não só através da valorização dos pilares do ruralismo (saneamento, educação e lavoura), mas também pelo investimento no desenvolvimento do espaço urbano da cidade.

Mesmo que os bailes de salão estivessem ganhando força na cidade – e, posteriormente, veremos isto se transformar numa tradição local – ainda havia ranchos e blocos, locais e vizinhos, desfilando pelas ruas de Nova Iguassú. Apesar da ausência dos principais ranchos da cidade na folia, a possibilidade de que outros grupos carnavalescos tenham continuado a desfilar pelas ruas não está excluída. O “Zé povinho” nunca deixou de estar nas ruas, mesmo que não estivesse só. Por que, então esses grupos menores (não sabemos ao certo as proporções) não são abordados pelo Correio da Lavoura com o mesmo protagonismo e entusiasmo com o qual tratavam de Pega e Deixa e Contigo Eu Posso? A seguir, duas notícias sobre o carnaval iguassuano: uma anterior e outra posterior às festas nas ruas e nos salões.

AS GRANDES FESTAS CARNAVALESCAS DE NOVA IGUASSÚ E O ARTÍSTICO CORETO: Como dos annos anteriores, esta cidade fluminense vae triumphar neste Carnaval, estando para isso sendo organisadas duas lindas batalhas de ‘Confetti’, no domingo 23 e segunda-feira 24 na Praça Ministro Seabra e Rua Marechal Floriano, entre a rua Cel. Francisco Soares e o Largo da Matriz com bela iluminação e alegoria. Para os três dias de Carnaval, 2, 3 e 4, será armado um lindo e artistico coreto alegórico, com movimento profusamente illuminado, onde ficará a comissão de gentis senhorinhas e rapazes da sociedade local, tocando também em andar elevado excellente banda Musical. Para maior brilhantismo serão distribuidos prêmios aos blocos, ranchos, fantasiados mais espirituosos e aos mais luxuosos, assim como o carro, que no curso se apresentar mais bem ornamentado. No dia 22 terá logar no salão do S.C Iguassú pomposo baile á fantasia, o mesmo acontecendo nos dias 2,3 e 4, sendo que no dia 2, domingo, será realisada uma linda ‘matinée’ infantil, á fantasia, das 16 ás 18 horas. No dia 3 será encerrada a apuração dos votos do <<concurso de sympanthia>> entre os ranchos locaes, sendo feita, ao vencedor, no mesmo dia, á noite, a entrega do premio. Os votos se encontram á venda na bilheteria do Cine Verde, onde se acha a ‘urna’. (CORREIO DA LAVOURA: Ano XIII, nº 675, 20 de fevereiro de 1930, p. 2)

No trecho acima, o jornal apresenta a programação completa do carnaval de 1930 e anuncia premiações aos blocos e ranchos que saíssem às ruas, incitando uma competição entre os mesmos.

CARNAVAL:

Comquanto os festejos carnavalescos deste anno se caracterissem pela ausência lamentável dos sympathicos ranchos locaes, a mais alta nota de entusiasmo e alegria da nossa melhor senão única festa popular, os folguedos transcorreram sempre bastante animados e extraordinariamente concorridos. Graças aos esforços e boa vontade dos srs. Antonio Gonçalves Pereira e Norival Chaves, que se encarregaram com êxito da construção do único e bello coreto armado á rua Marechal Floriano,

onde nos três dias de carnaval de Iguassú teve auspicioso transcurso

Para o lindo coreto de cuja feitura singela e de agradável aspecto, encarregou-se o Sr. José Moacyr Nogueira e um grupo de hábeis auxiliares, contribuíram a nossa Prefeitura, parte do commercio e particulares

A nota chic desses dias deu-nos o Beija-Flor, de Mesquita, que aqui esteve no domingo, á noite, recebendo estrepitosos e merecidos applausos do povo que enchia as ruas, tremendo de entusiasmo á passagem dos bem organizados foliões mesquitenses.

Admiramos com prazes seus numerosos componentes bem trajados, revelando apurado treinamento nas evoluções e marchas executadas. Integrava-o dois lindos carros de artístico acabamento, muito realçando o conjunto, todo illuminado a luz electrica. Boa musica e ordem irreprehensível valeram aos sympathicos visitantes a recepção carinhosa que lhe fez o povo, cobrindo-os de palmas e offertando-lhes delicados mimos. [...]. (CORREIO DA LAVOURA: Ano XIII, nº 677, 06 de março de 1930, p. 2).

Já aqui, podemos observar dois pontos interessantes: o primeiro deles é que, ainda que os pomposos desfiles dos ranchos citricultores houvessem findado no ano anterior, o coreto e a festa na rua permanecem; já o segundo ponto é que os jornalistas direcionam todos os elogios à construção do coreto e ao rancho Beija-Flor de Mesquita (um visitante), mas não mencionam a tal premiação para os grupos locais ou mesmo se eles apareceram nas ruas e de que forma apareceram. Tais fatos só corroboram a ideia de que o Correio da Lavoura foi um importante meio de propaganda do projeto elitista de modernização de Nova Iguassú e que os festejos de carnaval eram, sim, uma vitrine na qual se podia demonstrar o sucesso dessa elite. Enquanto os ranchos dos citricultores estavam desfilando seu luxo nas ruas, o jornal cumpriu sua função e mostrou com detalhes a festa; mas quando a elite se voltou para os salões, a festa nas ruas virou coadjuvante e os outros grupos de brincantes ficaram nas sombras. Naquele momento, o jornal deveria relatar o quanto o poder municipal, já com Arruda Negreiros, era benevolente por proporcionar ao povo iguassuano uma festa fora dos salões, para o entretenimento daqueles que não podiam pagar pelo ingresso do clube local.

Nesse sentido, é interessante ver o que acontece no ano seguinte, 1931, quando uma má notícia se abate sobre os foliões iguassuanos: não haveria carnaval nas ruas!

CARNAVAL:

Infelizmente a população iguassuana não terá, este anno, um carnaval na altura do seu progresso e de suas tradições de campeões da folia, cujo fulgor ainda não desapareceu da memória de quantos, até bem pouco, se extasiaram diante da riqueza deslumbrante dos nossos blocos em desfile pela cidade.

Os nossos foliões de mais prestígios nessas memoráveis pugnas do riso e da alegria, bem como os poderes públicos, a despeito não sabemos de que altos e imperiosos motivos, nada fizeram pelo carnaval de Iguassú.

Nem um simples coreto onde uma banda musical tocasse alegrando o público teremos no presente carnaval. Será

assim, uma festa incolor, sem expressão, insípida.

Fugindo á regra, o S. C. Iguassú, a prestigiosa e querida sociedade local, festejará os três dias de Momo, realizando em sua bela séde bailes á phantasia, aos quais não faltarão concorrência, brilho e animação.

Oxalá para o anno os nossos leaders carnavalescos saibam da apathia que ora os dominam e como dos annos passados, tão saudosos para todos nós, façam mais um esforço em prol da continuidade da fama de que desfrutam, de foliões na verdadeira expressão do vocábulo, titulo aliás conquistado em pelepas memoráveis, e que para sempre se reflectarão em nossa vida de povo progressista como factos dignos de serem imitados pelos vindouros. (CL: Ano XIV, nº 726, 12 de fevereiro de 1931, p. 2).

Mas, depois da tempestade, a calmaria: “em cima da hora” a festa nas ruas acontece e o “zé povinho” vai às ruas mais uma vez para brincar o carnaval que a prefeitura ajudou a organizar. A edição seguinte do jornal já traz as notícias de como passou o Carnaval de 1931, não só em Nova Iguassú, mas também em Nilópolis, distrito vizinho.

CARNAVAL

Os festejos carnavalescos, nesta cidade, como de resto em todo paiz, correram com desusada concorrência, na maior ordem e com muita animação.

Reparando a observação que fizemos em nosso último número com referencia a falta de iniciativa do governo local e do commercio, temos a satisfação de registrar que a falta por nós acentuada foi por ambos bem reparada, contando os moradores da cidade e muitos dos nosso visitantes com um abiente próprio ás suas expansões de justas alegrias.

Assim é que a nossa Prefeitura em tempo providenciou para a construcção de um lindo coreto na Praça M. Seabra, onde nos dias de carnaval tocou uma banda de música desta cidade, contratada pelo nosso commercio.

Foi uma feliz medida e que muito contribuiu para que o nosso carnaval não transcorresse insipido como prevíamos. A cidade nesses dias de folia esteve sempre regorgitante de povo, não tendo mesmo o tempo incerto e por vezes mau, concorrido em nada para arrefecer o entusiasmo reinante entre os blocos e mascaras avulsas que aqui se divertiram.

A nota de grande vibração foi dada pelo sympathico Beija Flor de Mesquita, que aqui esteve em sua visita ao nosso povo no segundo dia dos festejos de Momo. Esperado com ansiedade desde Domingo quando se annunciou a grande visita, foram os valentes carnavalescos recebidos por entre estrepitosos applausos do povo que, por esse modo, manifestou sua boa impressão pelo interessante prestito.

Boa organização, precisão nas evoluções, illuminação original e caprichosa confecção artistica dos seus carros, o Beija Flor conquistou mais um grande triumpho entre nós.

A visinha localidade de Nilopolis igualmente nos dias de carnaval esteve sempre estuando de alegria.

O bello coreto erguido na praça principal do logar e onde se fez ouvir uma banda de musica, foi por todos muito admirado.

Na terça-feira gorda recebeu o povo de Nilopolis a agradável visita do Beija Flor que ali foi recebido com o mesmo carinho e entusiasmo com o que o cumulou nosso povo

Durante as festa nesta cidade a ordem publica nesses dias de intensa vibração popular, esteve inalterável, não tendo as nossa autoridades o menor trabalho e reprimir abusos que felizmente não se registraram.

As sociedades do S. C. Iguassú e Turunas de Nilópolis nos três dias do reinado da folia abriram seus salões aos seus sócios e convidados, proporcionando-lhes magnificos bailes á fantazia que, pelo êxito que alcançaram constituiu

verdadeiros sucessos nas comemorações desses saudosos dias de risos, flores, musica e alegrias. (CORREIO DA LAVOURA: Ano XIV, nº 727, 19 de fevereiro de 1931, p. 2).

Em 1932 inaugura-se em Nova Iguaçu uma organização política chamada de Partido Revolucionário de Iguassú,

“cujo objectivo primacial é o de congregar em núcleos districtaes, seleccionando-se rigorosamente os elementos que os devam compor, os iguassuanos identificados com a ideologia revolucionaria, organisando os de modo a constituírem um dique de resistência ás tentativas que visarem perturbar a acção serena e patriótica dos verdadeiros idealistas do movimento outubrista ...” (CORREIO DA LAVOURA: Ano XV, Nº776, 28 de Janeiro 1932, p. 2)

Nesta mesma edição, o Correio da Lavoura anuncia uma “pomposa batalha de confetti” a acontecer na rua Dr. Getúlio Vargas, que estava sendo promovida por um grupo de moças e rapazes moradores da referida rua. Alguns nomes e sobrenomes conhecidos aparecem nessa comissão, como os de Avelino de Azeredo, Yolanda e Alair Pimenta, da família de Honório Pimenta, e de Paulino de Gregório, da família de Ângelo de Gregório, ambos pertencentes a famílias de comerciantes, intelectuais e, claro, citricultores influentes na alta sociedade iguassuana.

Em posição de prestígio social, a ambos era conferido o direito de acesso ao seletivo grupo dos organizadores da festa na rua, lugar que antes fora ocupado por seus pais. O exercício da organização política, da manutenção da ordem e do apreço pelo progresso deveria ser cultivado nesses jovens desde cedo, ainda que numa atividade tão aparentemente banal como a promoção de uma batalha de confete.

Considerações Finais

A pesquisa ainda está em andamento, portanto, há muito a ser explorado entre as décadas de 1920 e 40 sobre o carnaval em Nova Iguaçu e os impactos gerados nos festejos pelas transformações que essa região passou durante esse período e depois dele. Entretanto, alguns apontamentos já podem ser considerados: 1) os festejos das primeiras décadas do século XX se consolidam como uma marca do carnaval iguaçuano, e as “ruínas” dessa festa contribuíram para a construção, de cima para baixo, da memória de uma sociedade dourada nos tempos da citricultura; 2) esta tradição estava aparentemente ligada ao projeto de desenvolvimento de um grupo social que pretendia ser político e economicamente hegemônico no município; 3) o modelo de carnaval em Nova Iguaçu parece perdurar até quase o final do mesmo século, e é possível ver no Correio da Lavoura notícias sobre os bailes e os festejos de rua até a década de 1960, quando

a região já vive a condição de periferia; 4) as fontes, especificamente o jornal Correio da Lavoura, são tendenciosas, pois contemplam a perspectiva das elites sobre a história local.

Além dessas breves considerações, algumas inquietações chegam: 1) por que o carnaval de Nova Iguaçu perde tanta força após a primeira metade do século XX, principalmente se compararmos com o fenômeno que ocorre na festa da cidade do Rio? 2) Em que medida esses festejos continuariam existindo após o declínio dos fruticultores? 3) Por que as fontes privilegiam tão pouco a festa popular e a folia espontânea das ruas em detrimento dos festejos delimitados pelas paredes dos clubes e pelas carteiras de associados? E muitas perguntas ainda podem surgir, para a alegria de qualquer historiador!

Algumas perguntas já foram respondidas, outras já despertaram alguma hipótese; outras, ainda, podem não vir a ser respondidas neste estudo. Porém, são essas ideias que estão encaminhando nossa pesquisa para uma conclusão. Sabemos que no campo da História, mesmo os temas mais explorados dificilmente esgotam todas as suas possibilidades de estudo. E no caso da História da Baixada Fluminense, tais possibilidades se ampliam ainda mais por se tratar de um campo ainda em construção. Esperamos que este artigo venha a suscitar novas investigações e que possa contribuir para o resgate da história e da memória desta região.

Fontes

AS GRANDES FESTAS CARNAVALESCAS DE NOVA IGUAÇU E O ARTÍSTICO CORETO. Correio da Lavoura, 20 de fevereiro de 1930, p. 2.
SPORT CLUB IGUAÇU. Correio da Lavoura, 20 de fevereiro de 1930, p. 3.
CARNAVAL. A Crítica, Nova Iguaçu, 06 de Janeiro de 1929, p.2.
CARNAVAL. _____, Nova Iguaçu, 03 de Fevereiro de 1929, p. 2.
CORREIA, Sara J.B do. Momo. A Crítica, 10 de Fevereiro de 1929, p. 3.
D’ALBA, Conde. Evohé. A Crítica, 20 de Janeiro de 1929, p. 1.
CARNAVAL. A Crítica, 19 de Fevereiro de 1929, p. 2).
CARNAVAL. Correio da Lavoura, 14 de fevereiro de 1918, p. 2.
CARNAVAL. _____, 10 de fevereiro de 1921, p. 2.
CARNAVAL. _____, 06 de março de 1930, p. 2.
CARNAVAL. _____, 12 de fevereiro de 1931, p. 2.
CARNAVAL. _____, 19 de fevereiro de 1931, p. 2.
PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DE IGUAÇU. Correio da Lavoura, 28 de Janeiro 1932, p. 2.

Notas

¹A partir deste ponto, quando nos referimos à cidade antes de 1945 (ano do Acordo Ortográfico), usaremos a grafia da época. Portanto, Nova Iguaçu é aquela da primeira metade do século XX.

²Para saber um pouco mais sobre Silvino de Azeredo, consultar Amália Dias, “Entre Laranjas e Letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)”, p. 26-30.

³O entrudo (como era conhecido o período de três dias que antecede a Quaresma) era a forma de brincar o carnaval que perdura, no Brasil, até meados do século XIX, caracterizada pela guerra entre os foliões nas ruas, que atiravam água, farinha e limões-de-cheiro (pequenas bolas de cera cheias de água perfumada) uns nos outros. Para mais detalhes, ver Diniz (2006) e Cunha (2001).

⁴Apesar de ter uma vida social concentrada no núcleo urbano da cidade, Simões aponta que os moradores do distrito-sede residiam em sua maioria nas chácaras arrendadas pelos fazendeiros de Iguassú. Com os laranjais chegando até o centro da cidade, “mesmo os que moravam mais afastados não estavam a mais de 10 quilômetros do centro” (SIMÕES, 2006, p.116). Dessa forma, o deslocamento da população para divertir-se no centro durante o carnaval não parece, de forma alguma, improvável.

⁵Correio da Lavoura: CARNAVAL, 6 março de 1930.

⁶Apesar de possuir uma visão um pouco hierarquizante sobre os tipos de festejos, o historiador André Diniz explica bem como nascem essas formas de brincar o carnaval no Rio de Janeiro em seu livro “Almanaque do samba” (2006).

⁷O rancho Beija-flor, de Mesquita, fez várias visitas ao carnaval de Nova Iguassú. A proximidade facilitava a visita, já que Mesquita era parte do distrito-sede. Há poucas informações sobre esse rancho nas fontes utilizadas, mas tudo indica que não há relação com o atual GRES Beija-Flor de Nilópolis. Sobre isso, ver “Frutos da Terra”, FERNANDES & SILVA, E., 2013.

Referências

CARVALHO, Iracema B. de. Saudades de Nova Iguaçu. Nova Iguaçu, 1987.

CUNHA, Maria C. P. da. Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DINIZ, André. Almanaque do samba: A história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

DIAS, Amália. Entre Laranjas e Letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950). 339 fls. Faculdade de Educação, PPGE – UFF. Niterói, 2012.

FERNANDES, Otair; SILVA, Edna I.S. (Orgs). Frutos da Terra: Samba e Compositores iguaçuanos. Rio de Janeiro: UFRRJ/Evangraf, 2013.

MENESES, Antônio L. A pequena Calábria de Iguassú: imigrações e história da igreja na baixada-I. Nossa História: Revista Caminhando, Diocese de Nova Iguaçu. p. 5, julho de 2004.

SILVA, Lúcia. Arruda Negreiros como Haussmann da Baixada? Citricultura e estrutura urbana no município de Nova Iguaçu (1930/36). Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Rio de Janeiro, vol. 7, num.12, pp. 214-232, Janeiro-Julho de 2017.

SIMÕES, Manuel R. A Cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense. 313 fls. Instituto de Geociências, PPGG – UFF. Niterói, 2006.